



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**VANESSA PIO SOARES**

**RELIGIOSIDADE, TRADIÇÕES POPULARES E ENSINO: UM OLHAR A PARTIR DOS  
SABERES E FAZERES DE MULHERES REZADEIRAS**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2023**

**VANESSA PIO SOARES**

**RELIGIOSIDADE, TRADIÇÕES POPULARES E ENSINO: UM  
OLHAR A PARTIR DOS SABERES E FAZERES DE MULHERES  
REZADEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Elinaldo Menezes Braga

**CAJAZEIRAS - PB**

**2023**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

S676c Soares, Vanessa Pio.  
Religiosidade, tradições populares e ensino: um olhar a partir dos  
saberes e fazeres de mulheres rezadeiras. /Vanessa Pio Soares.  
- Cajazeiras, 2023.  
37f.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Elinaldo Menezes Braga.  
Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa)  
UFCG/CFP,  
2023.

1. Religiosidade popular. 2. Cultura Popular. 3. Rezadeiras. II.  
Título.

**VANESSA PIO SOARES**

**RELIGIOSIDADE, TRADIÇÕES POPULARES E ENSINO: UM  
OLHAR A PARTIR DOS SABERES E FAZERES DE MULHERES  
REZADEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

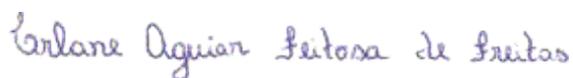
Aprovado em: 27/06/2023

**Banca Examinadora:**



---

Prof. Dr. Elinaldo Menezes Braga  
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



---

Prof. Dra. Erlane Aguiar Feitosa de Freitas  
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 1)



---

Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva  
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

*A Deus todo poderoso e as forças protetoras  
do universo.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me guia nessa breve existência.

A minha mãe, Cícera, maior incentivadora dos meus estudos, símbolo de força e resistência na minha vida.

As minhas irmãs, Camila e Joyce por nunca me deixarem sentir sozinha neste mundo; e a minha sobrinha Aylen por trazer um colorido novo a minha vida.

A Jaderson por todo amor e apoio proferido a mim.

As minhas amigas Izabel, Gabrielle e Italita, por tornarem meus dias muito mais felizes durante o tempo que estive na universidade.

A todos os professores do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) por todo conhecimento transmitido.

Ao meu orientador Prof. Dr. Elinaldo Menezes Braga, pelo apoio e dedicação.

A todas as rezadeiras que passaram por minha vida, em especial a Dona Ecila, mulher forte, de grande fé e amor àqueles que a procuram.

## RESUMO

Este trabalho busca compreender as práticas educativas experienciadas no contexto das rezadeiras, destacando seus usos, funções, características e as contribuições dessas mulheres para a memória cultural individual e coletiva de suas comunidades. Tudo isso porque acreditamos e creditamos importância do fazer da cultura popular, neste trabalho representado pelas rezadeiras, cuja preservação de suas atividades e a inserção dos seus fazeres e saberes nos currículos escolares podem despertar novos olhares e comportamentos no chão da escola formal. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, de modo que os dados necessários para sua composição brotaram de leituras de trabalhos realizados academicamente sobre a temática em questão. Ainda mais, o suporte também veio de pensadores que discutem a cultura popular. Esperamos que a nossa escrita possa contribuir para o entendimento formal da importância dos conhecimentos produzidos através de educações populares praticadas pelas comunidades onde a escola está inserida.

**Palavras-chaves:** Educação formal. Educação popular, Cultura popular. Rezadeiras.

## **ABSTRACT**

This work seeks to understand the educational practices experienced in the context of some women which practice cure through blessing, known as rezadeiras, highlighting their uses, functions, characteristics and the contributions of these women to the individual and collective cultural memory of their communities. All this because we believe and believe in the importance of doing popular culture, represented in this work by the rezadeiras, whose preservation of their activities and the inclusion of their actions in school curricula can awaken new perspectives and behaviors on the ground of formal schools. It is a qualitative bibliographical research, so that the necessary data for its composition came from readings of works carried out academically on the theme in question. Even more, support has also come from thinkers who discuss popular culture. We hope that our writing can contribute to the formal understanding of the importance of knowledge produced through popular education practiced by the communities where the school is located.

**Keywords:** Formal education. Popular education. Popular culture. Rezadeiras

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- BNCC - Base Nacional Comum Curricular
- CE - Ceará
- CFP - Centro de Formação de Professores
- LP - Língua Portuguesa
- MEC - Ministério da Educação e Cultura
- PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais
- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
- TCTs - Temas Contemporâneos Transversais
- UAL - Unidade Acadêmica de Letras
- UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 CULTURA POPULAR.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 O catolicismo popular: “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”.....</b>	<b>19</b>
2.1.1 As rezadeiras e suas práticas de cura física e espiritual.....	21
2.1.2 A reza e os objetos de cura.....	22
<b>3 PRÁTICAS EDUCATIVAS NO CONTEXTO DAS REZADEIRAS.....</b>	<b>25</b>
<b>3.1 As rezadeiras e o gênero da oraldiade.....</b>	<b>29</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na constituição da cultura brasileira estão as expressões tradicionais populares que marcam identidades individuais e coletivas. Nesse contexto, as manifestações ligadas à religiosidade popular se destacam. Dentre elas estão as práticas das rezadeiras, também conhecidas como benzedeadas.

A partir do entendimento da necessidade de evidenciar essa prática e contribuir com a construção de estratégias para mantê-la viva entre as novas gerações, apresento este trabalho. O estudo tem inspiração em experiências que vivencio desde a nossa infância, quando éramos entregues aos cuidados de rezadeiras da comunidade, buscando a cura para “mau-olhado” e doenças que afetavam o corpo e a mente. Procedimentos repetidos de geração em geração pelos nossos mais velhos.

Sou sertaneja da cidade de Aurora – CE, cidade localizada a 470 Km da capital Fortaleza, mais precisamente na mesorregião do Sul do estado, onde a prática da benzeção, desde muito tempo, é uma realidade nos setores mais populares da comunidade. Movida pela curiosidade durante as experiências citadas acima, eu observava as rezadeiras em ação, decorava as rezas, conhecia as folhas utilizadas no processo de benzeção e buscávamos entender outros detalhes que caracterizavam o fazer de cada rezadeira, a exemplo do fato de não poder ficar na porta enquanto estivesse rezando em alguém, nem poder rezar após o pôr do sol. Além disso, podemos citar a forma afetuosa com a qual essas mulheres rezavam em mim, nas minhas irmãs e nas minhas primas recebendo nada em troca. Tudo isso são detalhes que sempre despertaram a nossa atenção.

Essas vivências me marcaram de forma positiva, de modo que até hoje tenho afeto e gratidão por cada uma delas, que, inclusive, seguem rezando nos filhos das minhas irmãs e primas, mantendo viva essa tradição. Por ter nascido e crescido em meio a esse ambiente, hoje percebo a importância dessas mulheres e de suas práticas de cura, como marcas identitárias de lugares e de pessoas no meio social em que estou inserida. Esta percepção, assim, despertou em mim a vontade de saber mais e produzir conhecimento sobre essa prática cultural e sobre o seu papel na nossa cultura.

Este trabalho, nesse sentido, trata-se de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, com o objetivo geral de compreender práticas educativas experimentadas no contexto social da benzeção. Especificamente, a pesquisa busca identificar, a partir de trabalhos outros produzidos sobre as temáticas, como as rezadeiras de diferentes

comunidades promovem ações educativas e perceber a importância da benzeção para o reconhecimento dessas mulheres como sendo constituídas de poder de cura.

Apesar do trabalho aqui em questão estar vinculado ao Curso de Letras Língua Portuguesa, escrever sobre rezadeiras, além da sua importância cultural atende aos Temas Contemporâneos Transversais - TCTs, apresentados pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018). Como prevê estes documentos oficiais que regem a educação básica, são considerados TCTs aqueles que não pertencem a uma área de conhecimento específico, mas que atravessam todas elas por serem constituintes da realidade dos que fazem a escola. Ainda segundo esses documentos, são transversais os temas intensamente vivenciados no cotidiano das comunidades, das famílias, dos estudantes e dos educadores que influenciam e são influenciados pelo processo educacional. Desta forma, justifica trazer a temática em questão, já que atende apresenta as características acima mencionadas, por se tratar de um aspecto cultural, no campo da religiosidade, e, sobretudo pelo fato do papel desempenhado pelas rezadeiras, por exemplo, está diretamente ligado às camadas populares de suas comunidades, fazendo delas legítimas guardiãs de saberes e memórias que correm o risco de serem esquecidas pela realidade atual.

Colocando em evidência o contexto histórico, considero que o estudo sobre as rezadeiras é também uma preocupação com os estudos culturais, que vão permitir uma maior compreensão do comportamento e da cultura de uma sociedade que, desta forma, irá se afirmar a partir da memória coletiva.

Partindo do pressuposto que o mundo moderno nos distancia cada vez mais das raízes as quais estamos ligados, desconsiderando vivências culturais originárias de uma região ou comunidade, faz-se necessário adotar práticas metodológicas que possam promover e instigar a busca por essas raízes culturais desde o ensino básico. Desta forma, será possível trazer para a sala de aula uma perspectiva nova que resgate a identidade cultural dos indivíduos e promova discussão sobre o assunto.

Tendo isso em vista, considero o comportamento criado e adaptado a partir de crenças e experiências de vida que se configuram como sinônimo de força e resistência que ajudam a preservar a memória de uma determinada comunidade, uma vez que algumas práticas educativas são relevantes quando envolvem as vivências dos que fazem a escolas, e trazê-las para o contexto escolar pode funcionar como estratégia para uma melhor compreensão da realidade em que estão inseridos.

Nesse direcionamento, apresento como objetivo geral: Compreender práticas

educativas experienciadas no contexto das rezadeiras. E como objetivos específicos: destacar a função e a caracterização das rezadeiras no meio em que atuam; salientar como as rezadeiras contribuem para que a memória cultural seja preservada e promover estudos sobre o assunto desde o ensino básico.

Como mencionado, a pesquisa é do tipo bibliográfica, de modo que para coletar os dados necessários para o alcance dos objetivos a metodologia utilizada tomou como estratégia a leitura de trabalhos acadêmicos já produzidos sobre a temática, no sentido de evidenciar as práticas educativas promovidas, de modo geral, por rezadeiras de diferentes localidades.

Com relação à estrutura, este trabalho está distribuído em quatro seções que visam salientar a importância cultural das rezadeiras, inclusive no meio educacional. Além dessa introdução, na qual apresento as motivações para a escrita desse trabalho, a temática, a problematização, os objetivos, a metodologia e a justificativa da pesquisa, o texto, na segunda seção, intitulada CULTURA POPULAR evidencia a cultura e a religião voltada aos costumes dos povos, baseando-se em Siebert e Chiarelli (2012), Vannucchi (1999), dentre outros. Buscou-se evidenciar a diversidade cultural e as diferentes formas de representação de Deus e como as múltiplas práticas religiosas contribuíram para a cultura e a religiosidade popular. Destacam-se ainda nessa seção, através dos olhares de autores como Diniz e Diniz (2018), as rezadeiras dentro dessa cultura e as práticas de cura.

A terceira seção, PRÁTICAS EDUCATIVAS NO CONTEXTO DAS REZADEIRAS, aborda como o modelo de educação formal hegemônico é excludente de tal forma que não abraça os conhecimentos produzidos na comunidade em que a escola está inserida. Para uma melhor compreensão do modelo de educação formal hegemônico, a fundamentação teórica está ancorada em Freire (1987), Frizon (2006) e Borges (2019) mostrando práticas educativas presentes no ofício das rezadeiras através de autores como Dodou (2021). Nessa seção se faz presente também uma estratégia de ensino em língua portuguesa através da qual se possa trabalhar com o tema que estamos abordando.

Por fim, a seção quatro apresenta as Considerações finais, na qual são retomadas observações gerais sobre a temática em questão e a importância das rezadeiras no contexto educacional. Em seguida, constam as referências.

Espera-se que este trabalho possa suscitar, pelo menos nas escolas da comunidade de onde venho, o interesse pelos saberes e fazeres populares produzidos e

vivenciados fora dela, de modo que todos que a fazem sintam-se agentes do processo educativo.

## 2 CULTURA POPULAR

As sociedades humanas quando se voltam ao passado seguem duas linhas primordiais: uma com base na história, e a outra com base na memória. Contudo, a história e a memória não são comparáveis enquanto formas de acesso ao passado, uma vez que a história é basicamente uma prática científica enquanto a memória se constitui dentro de uma prática social. Nessa perspectiva, os produtos presentes nas histórias nem sempre guardam fatos que correspondem às memórias do passado ou vice-versa. Logo, a história pode não abordar fatos que se fazem presentes apenas na memória de membros de determinada sociedade. Em relação à cultura, destaquemos o fato de:

Somente se poderá conceituar cultura como auto realização da pessoa humana no seu mundo, numa interação dialética entre os dois, sempre em dimensão social. Algo que não se cristaliza apenas no plano do conhecimento teórico, mas também no da sensibilidade, da ação e da comunicação. (VANNUCCHI, 1999, p. 21).

Quando evidenciamos o fato de que a história não aborda toda a memória de determinado povo, visto que muitas dessas práticas não são registradas e se fazem presentes apenas de forma oral, podemos encontrar uma parte dessa prática cultural “esquecida” dentro da cultura popular. Sabemos que a cultura brasileira é fruto de miscigenação, que engloba dentro de si, várias práticas e crenças. Sabendo disso, observemos Vannucchi, quando menciona que:

A conjunção dos três elementos- indígena, africano e europeu- possibilitou um novo tecido cultural, que foi e vem sendo diferenciado pelas influencias do meio, pelas diversas atividades econômicas, pela criatividade nativa e pela incorporação de outros contextos culturais estrangeiros. (VANNUCCHI, 1999, p. 13).

A partir daí inicia-se o que conhecemos hoje como cultura popular. O autor Aldo Vannucchi (1999) menciona algumas definições para tal cultura. Onde alguns podem defini-la como tudo aquilo que não está enquadrado na cultura erudita. Outros podem vê-la como um conjunto de práticas vivenciadas pelo povo que abrange diversas classes. Há quem considere a cultura popular como algo espontâneo, livre de regras. Há também aqueles que defendem que a cultura popular merece ser mantida como

algo imutável. E por fim, aqueles que a consideram como o saber do povo, seja algo anônimo ou coletivo.

Desta forma, podemos dizer que a cultura popular não se limita a um determinado conteúdo. E para compreendê-la é preciso captá-la através de uma globalidade de ações, já que se trata apenas de teorias, mas sim, de uma prática, em um processo vivenciado diferencialmente na sociedade.

Em outras palavras, a cultura popular não se identifica por um determinado conteúdo. Será possível captá-la pela globalidade das condições de vida dos que lutam pela própria subsistência, sem deter o controle do próprio trabalho. Trata-se, por consequência, de cultura distinta e até oposta à cultura dominante, dentro de uma sociedade desigual. Uma cultura baseada muito mais no “fazer” do que no “saber”. (VANNUCCHI, 1999, p. 99).

Tendo isso em vista, podemos observar que a identidade cultural de um povo está voltada a um paradigma regional. Entretanto nem sempre é fácil de definir já que é maleável e depende das peculiaridades culturais de determinados povos, além de que pode sofrer diversas alterações ao longo do tempo, o que gera a necessidade de lutar para manter vivos os bons costumes e tradições que constituem essa identidade, e que muitas vezes estão sujeitos a influências de outras culturas que podem causar uma mudança de perspectiva e o apagamento da cultura original. Podemos mencionar sobre os praticantes da cultura popular, o seguinte fato:

A cultura popular é, na verdade, plural: é um discurso fragmentário, semi-oculto pela aparência coerente da história vista pelo ângulo das elites. Esse discurso fragmentário forma um conjunto descontínuo, disperso no espaço e no tempo...Não se pode falar de uma cultura popular brasileira. As classes subalternas integram-se na nação...sem direito a voz política, pagando o preço (além do trabalho) de se atomizarem... Ainda assim, dispersas, essas culturas populares possuem uma unidade latente: unifica-as o fato de crescerem a partir do ponto de vista das classes subalternas, daquelas que pagam o pato no cômputo da história.” (VANNUCCHI,1999, p. 108).

Tendo isso em vista, pode-se dizer que as culturas populares se enquadram ainda como um reflexo de dominação e exploração onde essas classes subalternas sofreram ao longo da história.

Destaquemos o fato de que, com a cultura das massas tendo forte destaque nos dias de hoje, a cultura popular pode facilmente se dissolver diante dela, já que a cultura de massa manipula quem a consome, gerando desejos, necessidades que

muitas vezes são inexistentes. Concentra-se principalmente nas populações urbanas e os interesses da classe média, ao qual ela pode controlar, já que se materializa de diversas formas, presentes nos programas de televisão, novelas, cartazes, leituras, internet e etc. Todas essas comunicações de massa que dominam e concentram facilmente a atenção das pessoas, convencendo-as em diversos âmbitos da vida, a consumir coisas das quais não precisam. Diferente da cultura popular que não é tão facilmente exposta para chamar a atenção, mas sim vivenciada no dia-a-dia, embora seus praticantes muitas vezes não notem sua presença.

Podemos dizer que a cultura popular se faz presente em diversas ações das nossas vidas, e quando nos voltamos a isso, observemos que a religião é algo que está diretamente ligado a essa cultura. Sabendo que a religião é um dos fenômenos mais importantes entre os pertencentes exclusivamente aos seres humanos. Todas as culturas e civilizações desenvolveram um sistema religioso. Destaquemos que a definição de religião está ligada ao contexto sociocultural em que é elaborada e de onde tem sustentação.

Segundo Coelho (2017, p. 11), “a religião é, deste modo, um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas que unem numa mesma comunidade todos aqueles que a ela aderirem”.

Logo percebemos que a religião não é senão a união de pessoas que acreditam nas mesmas divindades e rituais, e se juntam para praticá-los.

Uma vez que o contexto cultural influencia nessa definição, tomemos como exemplo as diferenças existentes no ocidente e no oriente onde o primeiro é marcado por uma herança de cultura judaica cristã que apresenta um Deus único e transcendente, e a segunda é composta por budistas e hinduístas, marcados pelo panteísmo onde Deus se faz presente em tudo. Dessa forma, observamos que a religião não está ligada unicamente a algo superior, mas sim a natureza e a forma em que os seres vivos a enxergam. Segundo Weiss em seu artigo *Durkheim e as formas elementares da vida religiosa*:

As representações religiosas, ou seja, as crenças, caracterizam-se por impor um certo olhar que divide a realidade entre o sagrado e o profano, enquanto oposições absolutas, ou, mais especificamente, as crenças são [...] representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e a relação que elas mantêm, seja entre si, seja com as coisas profanas. (DURKHEIM, 2003, p. 24 *apud* Weiss, 2012, p. 10).

Desta forma, o universo religioso envolve esses dois lados, logo uma experiência religiosa acontece através do símbolo do mito e do rito. Contudo, definir o que é sagrado ou profano, e algo não viável, já que para algumas culturas uma pedra pode ser apenas uma pedra, mas para outras pode ser um objeto sagrado.

São diversas as práticas religiosas que carregam em si traços e especificidades únicas que irão defini-las. Contudo destaquemos que em todas as partes do mundo a religiosidade do povo se identifica por uma crença específica: que Deus está presente na sua história. São milhares de devotos que recorrem a santuários a fim de agradecer ou pedir graças. Em destaque nos voltemos à religiosidade popular que sempre acompanhou o homem, e nos possibilita adentrar profundamente na cultura, onde a religiosidade popular apresenta-se como uma experiência antropológica profunda, anterior ao cristianismo, como por exemplo, vestígios do judaísmo.

Sabendo que, o Brasil é composto por diferentes povos, como já mencionado, destaquemos que antes da chegada dos portugueses, já existiam manifestações religiosas advindas dos povos indígenas. Após a colonização houve o aumento de contribuição para a essa religiosidade que antes era predominantemente indígena. Com isso a religião cristã passou a ser predominante, contudo, com a diversidade de pessoas trazidas ao Brasil, ainda que o cristianismo predominasse, traços de outras culturas permaneceram, ainda que não seguissem intactas. Segundo Borges:

Na América Portuguesa, a construção de uma nova vertente de simbolismo religioso deu seus primeiros sinais ainda nos primórdios da colonização. Não obstante os esforços do clero católico para reprimir as chamadas “heresias” e pregar a manutenção da hierarquia e ortodoxia do catolicismo, observa-se o desenvolvimento vigoroso de uma religiosidade popular nesse período (BORGES, 2019, p. 29).

Desta forma, notamos a construção dessas práticas e religiosidade populares durante esse período, onde a imposição de algo juntamente a falta de acesso ao que é imposto, pode gerar grandes modificações. Observamos isso através da religião, onde surge a necessidade de uma interpretação individual do que foi imposto, já que o povo mal conhecia de fato o que era o catolicismo, desta forma, houve o acréscimo das próprias tradições dos povos que eram imposto ao cristianismo, gerando então uma religiosidade popular.

Sabendo que toda manifestação que não fosse cristã na América portuguesa, era considerada proibida e vista como manifestações folclóricas e pagãs. O

cristianismo que passou a ser imposto de forma agressiva, a fim de dominar negros e indígenas, contribuiu para desenvolvem-se os saberes empíricos religiosos que se originava de diferentes culturas. Onde indígenas e africanos resistiam a fim de manter vivas suas raízes. Apesar de hoje em dia partes dessas crenças ainda terem permanecido, é importante lembrar que as crenças e práticas da religião de um determinado povo podem ser sustentadas, aceitadas ou ignoradas, e até acolhidas pela igreja. Contudo, é viável afirmar que conflitos entre a religião popular e a igreja são inevitáveis, já que na religiosidade popular, seus praticantes se expressam livremente fora da influência da igreja.

## **2.1 O catolicismo popular: “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”**

Atualmente podemos perceber que algumas manifestações da cultura popular advêm de características voltadas ao catolicismo popular. Observemos que as características do catolicismo popular também vêm de objetos sacralizados. O **santo**, por exemplo, é de tal importância que comunidades, indivíduos e núcleos familiares fazem parecer que tudo gira em torno dele. Daí a sua presença diária, em forma de imagens, em suas vidas como fonte de inspiração e de solução para as vicissitudes da vida cotidiana.

A imagem representativa do santo promove a existência de outro elemento, o **oratório**, que pode estar nas residências dos devotos, na rua ou em templos. Nas residências, este pequeno altar que abriga o santo protetor da casa, mobiliza a família em função de rezas individuais e coletivas. Nesses momentos sagrados é quando o humano estabelece contato com o divino para a realização de promessas, agradecimentos, e pedidos de remissão dos seus pecados.

O oratório na rua diferencia-se do doméstico por se tratar de lugar sagrado que abriga um santo protetor não apenas de um núcleo familiar, mas de uma vizinhança.

Ainda há o oratório ambulante, pertencente a um indivíduo que o carrega durante a prática de pedicção de esmolas e ajudas.

Outros dois importantes elementos do catolicismo popular são a **capela** e o **santuário**. A capela é um tipo de espaço sagrado, comumente erigido de forma comunitária, onde a comunidade realiza suas rezas e novenas. Nelas, quando há a

presença de um padre, acontecem missas e outros eventos da religião. É na capela onde está o santo padroeiro da comunidade.

Os santuários, por outro lado, são espaços para maiores concentrações de devotos. Em função do santo ali abrigado, são realizadas peregrinações de multidões em um tempo específico do ano.

Dentre as pessoas com usos e funções específicas ligadas a essa prática religiosa estão as rezadeiras, também conhecidas como benzedadeiras, sobre as quais tratamos neste trabalho.

Acredita-se que o catolicismo popular, pode ter tido grande influência de religiosos europeus mal formados que eram mandados para nosso país e para catequizarem criavam meios um tanto diferentes do catolicismo europeu da época.

A partir daí, observamos que o catolicismo popular se enquadra como uma expressão da cultura popular, já que ela possibilita tanto compreender a relação dos seus referenciais de vida, quanto às performances dos seus participantes no cotidiano, enraizadas pela tradição. Desta forma, a cultura e suas práticas, só existem por causa dos seus significados para os sujeitos sociais que as vivenciam nelas trazem suas experiências.

Logo a religiosidade popular é a sobrevivência de algumas crenças e práticas anteriores aos processos de cristianização que foram sobrevivendo e chegaram até nós, e constituem a verdadeira cultura religiosa dos povos e indivíduos, transmitida pela educação familiar e pelas sociabilidades.

Essa diversidade cultural deu origem ao que conhecemos como cultura popular, sabendo que, ela envolve a maior parte da população e ainda assim não está presente dentro da educação formal. Observemos que surge a possibilidade que cada povo produza sua própria cultura que diverge de acordo com cada região ou lugar. Ao longo da vida podemos experienciar manifestações culturais únicas, de acordo com a cultura que estamos inseridos. É importante destacar as particularidades presentes em cada ambiente vivido, onde é possível perceber diferentes hábitos culturais dentro do círculo familiar, de amizade e até pequenas coisas que mudam na casa de pessoas que vivem ao lado.

Quando falamos do ambiente em que vivemos destaquemos as rezadeiras e seus atos de benção, mulheres que estão constantemente presentes na vida dessas pessoas praticantes da cultura popular.

### 2.1.1 As rezadeiras e suas práticas de cura física e espiritual

Sabemos que, ao longo da história, as mulheres sempre estiveram presentes no universo místico, ocupando lugares ligados ao sagrado. Entretanto, o patriarcado com toda sua ira e necessidade exacerbada de domínio, fere mortalmente o ser feminino, que com a chegada do cristianismo passa a demonizar mulheres praticantes do místico, consideradas como bruxas e sendo queimadas como punição. Borges destaca que:

Na Bíblia, a mulher é portadora do pecado original, associada à serpente, em uma representação da astúcia, sedução e danação. Nas imagens evocadas no imaginário bíblico, a culpa da perdição do mundo é atribuída à mulher. Porém, o conceito de bruxa e bruxaria se desloca de uma representação meramente cristã e se amplia para outros olhares. (BORGES, 2019, p. 28).

Tendo isso em vista, fica claro que essas práticas populares de cura sempre estiveram presentes, especialmente voltadas e oriundas da “alma” feminina e ainda que por muito tempo não tenham sido toleradas, conseguiram se manter firmes e presentes nas mulheres que conhecemos hoje como rezadeiras.

Contudo, vale ressaltar que nem todos que recebem esse dom, o utilizam para o bem. Há também aqueles que o usam para um viés maldoso, entretanto não são destituídos dos seus conhecimentos, gerando certo temor, que ainda assim, afirma o fato de permanecerem como mediadores entre o profano e o sagrado.

Apesar disso, quando fazemos referências às rezadeiras a maioria das pessoas consegue identificar com facilidade quem são e o que operam. Muitas vezes conhecem de perto as suas práticas, e, com isso, nos faz pensá-las como mulheres que ocupam lugar de destaque na constituição cultural dos lugares onde estão inseridas, com importante contribuição para a manutenção de costumes popularmente tradicionais através da oralidade e do estabelecimento de uma relação com o sagrado. Segundo Pereira e Gomes:

O ritual de benzeção- que envolve benzedor/benzido gestos, espaços e objetos sacralizados- está inserido no contexto da cultura popular. Esse modelo cultural se caracteriza por estabelecer relações de oposição e diálogo com o modelo da cultura erudita divulgada através de redes de ensino e instituições de governo e estabelecida, juntamente com a cultura das massas, como modelos culturais

dominantes na sociedade brasileira. (PEREIRA; GOMES, 2002, p. 140).

Quando falamos dessa oposição entre o modelo de cultura popular e cultura erudita nos atentamos ao fato de que a cultura popular se faz diversificada em sua construção. Embora os seus praticantes sejam majoritariamente de origem humilde, pessoas de diversas classes recorrem à sua prática, diferentemente do que acontece com a cultura erudita, definida como algo mais elaborado e voltado a pessoas pertencentes a uma classe social privilegiada, gerando essa oposição entre culturas.

As rezadeiras, por exemplo, mulheres normalmente pertencentes a grupos sociais subalternizados, exercem uma função ligada à religiosidade popular, a partir de saberes e poderes tradicionais capazes de, por meio da reza e rituais, curar males, devolvendo o equilíbrio emocional e físico de pessoas pertencentes a diferentes classes que a elas recorrem. Esse ofício, resultante da falta de acesso à medicina e amparos à saúde, é passado de geração para geração e crescido desde o período de colonização.

Desde então, essa prática se perpetua até os dias atuais, já que é passada de forma oral e mantida viva pela crença e esperança do povo na capacidade dessas senhoras curandeiras de resolverem os seus problemas materiais, físicos e espirituais, de modo que contribuem para que as rezadeiras se destaquem como importante aspecto cultural, constituindo histórias e saberes adquiridos e ensinados dentro da própria comunidade.

### 2.1.2 A reza e os objetos de cura

No Brasil, como já mencionado neste trabalho, essas curas populares se fazem presentes desde o domínio da América Portuguesa, e com o passar do tempo sofrem modificações, mas continuam com a mesma finalidade: uma cura alternativa.

Quando falamos de reza, estamos nos referindo às práticas de cura exercidas pelas rezadeiras. O aprendizado desses saberes é passado de geração para geração, majoritariamente através da tradição oral e não dependem de uma educação formal, lutando para se manter viva através do seu próprio fazer e refazer. Pereira e Gomes, sobre essas práticas, afirmam que:

As benzedoras e os benzedores são os detentores da capacidade especial para manipular as forças do sagrado. O domínio dessas forças não se dá sem alguma forma de iniciação e sem a aceitação do grupo social [...]. A aceitação das benzedoras e benzedores é uma condição essencial para que possam exercer as atividades de assistência aos devotos. (PEREIRA; GOMES, 2002, p. 143).

Em conformidade com o que dizem esses autores, a prática de cura promovida pelas rezadeiras, além dos saberes adquiridos e do poder de suas intervenções, só fazem sentido para as pessoas que respeitam, acreditam e aceitam a benzeção como instrumento de cura e consideram as rezadeiras como sendo privilegiadas pelo sagrado e que, por isso, assumem um forte compromisso com a sua comunidade.

O compromisso dos rezadores decorre do conhecimento que adquirem como indivíduos privilegiados, uma vez que o acesso à palavra do criador só é possível mediante a superação da vontade pessoal em favor da atenção aos outros. Além disso, a palavra tomada de empréstimo ao criador deve ser empregada para ajudar as pessoas, de modo que a vitalidade do benzedor é associada à prática do bem [...]. (PEREIRA; GOMES, 2002 p. 147).

Desta forma, concluímos que a cura ocorre através de Divino. As rezadeiras são apenas o canal de ligação entre o terreno e o espiritual, sendo instruídas por uma força divina maior.

Quanto aos instrumentos utilizados nos rituais de benzeção, folhas são elementos fundamentais no processo de produção da cura através das orações e dos rituais utilizados pelas rezadeiras. Geralmente são folhas ou galhos de plantas medicinais conhecidas na região, muitas vezes já plantadas na casa dessas mulheres. Assim como acontece em relação às plantas utilizadas nos rituais de cura, cada rezadeira, em sua maioria, reza do jeito que o saber lhe foi repassado oralmente por alguma ancestral. O que significa que o modo como cada uma delas reza pode divergir. Há casos, por exemplo, de rezadeiras que rezam apenas na presença do objeto rezado, enquanto outras acreditam que a reza possa ser feita à distância, desde que a fé do necessitado seja suficientemente forte.

A pesquisa realizada por Andressa Eckel (2020) revela que na comunidade Rio da Areia de Baixo - Mafra - SC, a prática das rezadeiras apresentam diferentes métodos. Uma das entrevistadas afirmou utilizar galhos de arruda e malva para livrar as pessoas de más energias. Porém, para outros males, ela cultivava em casa alecrim,

hortelã, boldo, alfavaca, arnica, aroeira, azedeira, babosa, cavalinha, erva-cidreira, guaco, losna, louro e alfavaca. Outra entrevistada dessa pesquisa revela que reza com um crucifixo na mão e que mantém um incenso aceso enquanto faz a oração.

Sobre os procedimentos adotados durante a benzeção, Pereira e Gomes mostram que além de objetos, as rezadeiras incluem gestos associados às palavras das orações. Como dizem, “São inúmeras as combinações dos procedimentos, gerando um enredo complexo em que se destacam as influências das personalidades de cada benzedor ou benzeadeira” (PEREIRA; GOMES, 2002, p. 153).

Desta forma, podemos observar que o tipo de oração e os métodos utilizados por quem reza, irão variar de acordo com a forma como foram ensinados, preservando certa individualidade. Contudo, a cura não está ligada diretamente a esses métodos, mas sim ao poder da fé depositada nas orações realizadas por quem pratica a benzeção.

No ato de rezar, a oralidade assume uma grande importância. Como explicam Pereira e Gomes:

A elaboração discursiva é um componente estratégico na vida dos rezadores. Eles podem ter mais ou menos prestígio em função daquilo que as pessoas dizem ao seu respeito e também em função daquilo que eles mesmos dizem sobre suas atividades. Ao comentarem sobre os procedimentos e os modos de ação no ritual, os rezadores se revelam como hábeis elaboradores do discurso. (PEREIRA; GOMES, 2002, p. 154).

É através das palavras que fazem essa intercessão com o sagrado. Havendo a necessidade de elaboração do discurso, as rezadeiras acessam a sua cosmovisão, o que significa que esse aspecto também varia de rezadeira para rezadeira.

Dentro dessa elaboração discursiva percebem-se aspectos que sustentam a vida dessas rezadeiras, no falar e no agir, onde as palavras são concretizadas através da fé.

### 3 PRÁTICAS EDUCATIVAS NO CONTEXTO DAS REZADEIRAS

Sabemos que a educação escolar é um direito básico e fundamental de todos os cidadãos brasileiros. No entanto, também sabemos que a educação não se dá apenas na escola, através de uma educação formal, pois, como afirma o professor Carlos Rodrigues Brandão no livro **O que é Educação**, “não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante” (1985, p. 9).

Isso significa dizer que a todo momento e em todo lugar, de alguma forma estamos nos constituindo através de diferentes processos educativos, seja na igreja, em casa, na relação com os amigos, nas brincadeiras, no cinema, no parque, em uma conversa de bar, durante uma viagem e até na escola. Daí a crítica de pensadores progressistas ao modelo praticado hegemonicamente pelo ensino formal. Modelo este, que engessa o ensino através de um currículo pensado para servir o mundo capitalista imposto pela modernidade.

Paulo Freire é um dos principais críticos desse modelo, que não educa, pois não está voltada a uma formação crítica e sem preocupação com a autonomia dos cidadãos que dela se servem. Para Paulo Freire,

[...] nela, o educador aparece como indiscutível agente, como um real sujeito indeclinável, cuja tarefa é encher os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram em cuja significação ganhariam significação (FREIRE, 1987, p. 37).

Este modelo chamado por freire de “educação bancária” serve, portanto, às classes que detêm o poder econômico. Em contraponto, sugere uma pedagogia que pensada a partir das minorias, dos oprimidos. Uma pedagogia que deve ser praticada em uma escola que dialoga com a comunidade onde ela está inserida e abraça os saberes e fazeres das gentes que a constitui.

A educação libertária problematiza. Nela, educador e educando são companheiros, ambos se humanizam e são agentes de um processo educacional a serviço da libertação das garras do sistema opressor. Nessa perspectiva, implica dizer que se a escola abraçasse os saberes e conhecimentos produzidos pela comunidade a qual pertencem os seus fazedores, o processo de ensino e aprendizagem seria mais

prazeroso, pois todos se reconheceriam no currículo e atuariam ativamente como agentes de uma realidade escolar em que aprenderiam uns com os outros, o que significa dizer que a educação formal pode perfeitamente dialogar com as educações populares vivenciadas cotidianamente, promovendo, assim, uma educação como prática da liberdade.

De acordo com Freire (1987, p. 45), “a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens”. Praticar a liberdade como resultado de uma educação crítica é poder estar no mundo e com ele.

Diante de tantos detentores e detentoras de saberes populares, produtores e produtoras de conhecimento informal, realizadores e praticantes de educações fora dos muros das nossas escolas, podemos destacar a presença histórica das rezadeiras na dinâmica cultural, sobretudo entre os grupos subalternizados.

Trazer o universo dessas praticantes da cura através da relação com o Divino para o contexto escolar, dentre outras coisas, pode despertar nas gerações mais jovens a importância da preservação das tradições populares e contribuir para o fortalecimento da memória dessas mulheres e da coletividade. Ainda mais, os saberes coletivos quando presentes na escola promovem o sentimento de pertencimento e a constituição de sujeitos ativos do processo educacional.

As práticas educacionais presentes no saber das rezadeiras apresentam múltiplas possibilidades para pensar a realidade articulando a natureza, educação e cultura. Silva (2022, p. 40) destaca que essas detentoras de saberes

[...] assim como nas salas de aulas ou laboratórios de pesquisa, fazem experiências diversas. Por exemplo, em suas comunidades selecionam sementes mais resistentes para plantio; ou no campo observam o comportamento de animais silvestres; tipos de matas em que são encontrados os diferentes animais caçados ou as plantas que curam; as épocas propícias de plantio. Fazem, nesse sentido, de suas comunidades, verdadeiras experiências vivas.

Portanto, concluímos que no contexto das rezadeiras além dos processos de cura, acontecem práticas educativas que representam marcas de resistência. Desta forma, é possível incentivar a interação escola/comunidade através da memória desse ofício, onde será valorizado. Pois, ao inserir os estudantes nesse universo, onde

possam pesquisar coisas que já são do seu conhecimento prévio, estamos contribuindo para que se tornem sujeitos que compreendem o meio em que vivem, e analisam de forma crítica o tempo, valorizando a fonte de onde vem tal conhecimento. Araújo; Raposo; Lima e Aragão destacam:

[...] que estes conhecimentos produzidos, se trabalhados como meio de aprendizagem, ao serem conhecidos e incluídos no contexto escolarizado através do currículo, permitem que na escola os/as alunos/as tenham acesso a outro modo de educar e ensinar o saber histórico escolar, oriundo de uma tradição oral intergeracional com base no saber da experiência de vida das rezadeiras (ARAÚJO *et al.*, 2017, p. 2).

Podemos observar que na relação entre a educação formal e a não formal enquanto esta valoriza as práticas sociais dos seus educandos contribuindo para o fortalecimento de suas identidades e para a constituição de sujeitos que se relacionam ativamente com o mundo, aquela apenas promove um aprendizado teórico que resulta na formação de sujeitos técnicos, passivos, a serviço da modernidade.

Logo, existe a necessidade de integração, onde a escola deixa de ser um ambiente fechado, tornando-se um espaço onde os estudantes são levados a um processo de constante construção de conhecimentos, identidades e saberes, seja pessoal, ou de uma forma que englobe toda sua comunidade. Fazendo do ambiente escolar, desta forma, um lugar que promove e transforma o ser humano como produtor de conhecimentos.

Para Frison, sobre a educação,

Não há uma forma única, nem um modelo único para que a aprendizagem aconteça, o que encaminha para a percepção de que trabalhar no construto da aprendizagem auto-regulada é uma das alternativas para esta apropriação necessária para estar no mundo e dele participar ativamente (FRISON, 2006, p. 25).

Nessa perspectiva, o grande desafio voltado à educação é desenvolver e implantar ações voltadas aos espaços não escolares com projetos que possam desenvolver competências que tenham como objetivo a formação e a atualização dos sujeitos. Logo, essa ação implicará na participação do estudante que será instigado a pensar mais sobre sua aprendizagem com consciência de si e das necessidades do mundo que estão inseridos. Tendo isso em vista, é necessário implantar estratégias

para sinalizar a necessidade de atualização constante e que estabeleça a permanência de conhecimentos e práticas originárias da região em que vivem. Frizon ainda salienta que:

Fica difícil aceitar que só o professor ensine e o aluno absorva o que foi ensinado ou que o sujeito execute o que lhe foi determinado, pois o ser humano não é um simples sistema de processamento de informações ou um mero executor de tarefas. O sujeito continuamente aprende e reaprende a aprender (FRISON, 2006, p. 27).

Nessa perspectiva, é importante que dentro da escola o aluno tenha a possibilidade de aprender ou reaprender a cultura em que está inserido socialmente. Não sendo imposto apenas a conteúdos pré-determinados que sejam obrigados a decorar com apenas o objetivo de “passar de ano”. A educação considerada informal, muito ensina a esses alunos, e pode ser usada em sala de aula dentro de parâmetros aceitáveis.

Considerando a existência de práticas educativas no contexto da cura pela reza, ressaltamos que se os saberes ensinados e aprendidos forem inseridos no currículo escolar, permitiremos que a escola e os alunos tenham acesso a um modo diferente de educar, que advém de uma tradição oral experienciada pelas rezadeiras e pelas pessoas que recebem os seus cuidados. Segundo Borges (2019, p. 31):

[...] é possível afirmar que ciência e misticismo se misturam na compreensão do trabalho das benzedeiras e rezadeiras. Se ela é uma curandeira que aprende e apreende esses ofícios através da prática e da oralidade, ela também pode ser intitulada de cientista considerando-se que elas conhecem técnicas e procedimentos de cura. Por trás do trabalho de cura existe toda uma metodologia e um universo de saberes.

Logo, torna-se perceptível que suas práticas de cura não surgem do nada, uma vez que precisam adquirir previamente um conhecimento plural acerca de tudo que envolve o seu fazer. Como menciona Borges (2019, p. 32):

Toda a sua experiência de cura esta embasada em conhecimentos, saberes práticas ancestrais, partem da lida diária com a questão saúde/doença, e tem base essencialmente empírica. Não se apoiam em teorias acadêmicas ou oficiais e não seguem os parâmetros do paradigma medico dominante. Não necessitam do reconhecimento de instituições nem de títulos honoríficos para desempenharem seu

trabalho. Ainda assim, seus saberes ocupam amplas discussões a respeito de saúde e doença e estão na base da cultura popular [...].

Essa prática possibilita a interação entre a experiência cotidiana dessas mulheres e o saber escolar. Através da memória dessas mulheres, das suas histórias de vida e de suas práticas de reza a escola como um todo pode se apropriar, por exemplo, da cultura e história locais, de conhecimentos científicos que envolvem plantas medicinais, e da tradição promovida pela religiosidade popular.

Portanto, essa sabedoria milenar encontra na oralidade também uma forma de aprender e ensinar, podendo perfeitamente dialogar com os saberes escolares e, juntos produzirem novos conhecimentos importantes para a constituição social de todos.

### **3.1 As rezadeiras e o gênero da oralidade**

Diante do atual perfil da educação brasileira, torna-se cada vez mais pertinente repensar os currículos, a fim de que se encontrem outras perspectivas e novos rumos no que diz respeito ao estudo da linguagem. O Ministério da Educação e Cultura – MEC, destaca nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs:

As adaptações curriculares previstas nos níveis de concretização apontam a necessidade de adequar objetivos, conteúdos e critérios de avaliação, de forma a atender a diversidade existente no País. Essas adaptações, porém, não dão conta da diversidade no plano dos indivíduos em uma sala de aula. Para corresponder aos propósitos explicitados nestes parâmetros, a educação escolar deve considerar a diversidade dos alunos como elemento essencial a ser tratado para a melhoria da qualidade de ensino e aprendizagem (BRASIL, 1997, p. 63).

Nessa perspectiva, apresenta-se a necessidade de atender a essas exigências. Quando nos voltamos ao estudo de língua portuguesa, destacamos a importância dos gêneros para o desenvolvimento da linguagem, conhecimento da estrutura da língua, ampliação da competência leitora e da capacidade de produção textual. Segundo Dodou (2021, p. 101), “[...] a compreensão dos gêneros textuais passa por elementos como interação e prática social, o que lhes confere uma dinamicidade, a qual não deve ser desconsiderada na abordagem da LP em sala de aula”.

Sabemos que existe uma variedade considerável de gêneros, que caracterizam e, de acordo com a intenção de quem os produz, oralmente ou através da escrita, e os direcionam a um determinado interlocutor, norteiam determinadas questões relativas às mais variadas temáticas cotidianas.

Quando nós voltamos à temática deste trabalho destacamos a importância das rezadeiras no contexto social de muitas comunidades, sobretudo aquelas compostas por pessoas de baixo poder aquisitivo. Do ponto de vista linguístico, o destaque é para suas práticas de curas através da oralidade, já que o principal instrumento para tanto, é a reza.

Uma vez que essas práticas de reza também se constituem enquanto um saber adquirido pela tradição oral, pensando na inserção dos saberes tradicionais nos currículos das escolas onde essa prática cultural é realidade, podemos afirmar que os textos/rezas produzidas pelas rezadeiras podem perfeitamente servirem como modelo para os estudos cujo foco é gêneros textuais. Dodou (2021, p. 103) destaca:

Outra vantagem nítida do trabalho com os gêneros é que, através da abordagem dos mesmos, o educador pode priorizar aqueles que mais tenham a ver com a realidade dos alunos com quem lida. Este é um trabalho difícil, porém, necessário dado à infinidade de gêneros disponíveis na atualidade. Assim, como conhecedor dos problemas práticos da comunidade em que atua, o educador, em ação conjunta com os educandos poderá sim, explorar gêneros que guardem uma maior afinidade com o contexto no qual estão inseridos.

Quando se trata da temática apresentada nesse trabalho, destaquemos a importância da reza como um gênero oral, a qual se encontra na oralidade uma forma de transmitir saberes da experiência cotidiana que podem estabelecer um diálogo com o cenário escolar. Uma forma plausível de trabalhar com o tema em sala de aula seria trabalhando o relato, que se faz presente dentro dos gêneros orais. Segundo Travaglia (2013, p. 3):

Os gêneros são instrumentos cuja apropriação leva os sujeitos a desenvolverem capacidades e competências individuais correspondentes aos gêneros. Tais capacidades e competências são capacidades e competências linguísticas e discursivas de construção e de escolha do gênero apropriado para a ação em dada situação social localizada.

Logo, reconhecemos que a utilização e o ensino dos gêneros são fundamentais e inevitáveis na comunicação e nas vivências diárias. Na escola, muito se usa a leitura em voz alta como prática da oralidade. Contudo a proposta apresentada é que haja uma aula expositiva sobre gêneros orais, em específico o relato. Tendo em vista a importância dos gêneros no desenvolvimento de competências educativas apresentadas na citação acima. Surge a oportunidade, através do relato de trabalhar e valorizar a temática da reza e as praticantes do ofício. Onde os alunos produzam relatos orais, exercitando o gênero que segue uma relação textual específica. Ao apresentar a temática é possível solicitar que eles relatem vivências e experiências com rezadeiras e as rezas proferidas por elas, onde surge a necessidade de um contexto, de apresentação de personagens e elementos descritivos e narrativos.

Travaglia (2013, p. 5), menciona que: “[...] podem ser considerados gêneros orais também aqueles que têm uma versão escrita, mas que têm uma realização prioritariamente oral, usando a voz como suporte”.

Nessa perspectiva, para essa “apresentação” propõe-se uma organização prévia escrita do que irá ser exposto a fim de organizar melhor o ato de fala, que irá contribuir com a melhora da exposição dos elementos básicos e contextuais, elevando o grau de oralidade.

Desta forma, encontramos dentro da língua portuguesa, formas de valorizar o ambiente cultural que os alunos estão inseridos, ao mesmo tempo em que é possível seguir com o plano de ensino, contudo, de uma forma mais abrangente, onde os gêneros, em específico orais, irão contribuir para o aprendizado significativo na prática da leitura, da produção textual e da oralidade. Já que segundo o PPC do curso, p. 12: O Licenciado em Letras – Língua Portuguesa deve ter: Conhecimento substancial acerca da estrutura e funcionamento da língua portuguesa em suas diferentes modalidades, gêneros (orais e escritos) e usos (formais e informais), sendo capaz de analisá-las e aplicá-las em diferentes contextos comunicativos. Segundo Dodou (2021, p. 22):

Na verdade, a palavra, conforme empregada em um contexto pode representar a presença de outras vozes, revestir ideias. Ou seja, ser um instrumento à disposição de um interlocutor, sem ter seu sentido reduzido ou limitado, sem considerar as nuances que vem a assumir em um enunciado.

Logo, sentidos vão sendo construídos, revestidos pelo poder da palavra. Desta forma, utilizar esse conhecimento para que os sujeitos interajam entre si, se torna fundamental na construção de um conhecimento coletivo e pessoal.

Nessa perspectiva, a partir da abordagem de um gênero como, por exemplo, o gênero oral, quando direcionamos ao tema de reza/educação voltado a uma perspectiva de contribuições de cultura e identidade, torna-se possível constatar fatores sociológicos e ideológicos que pode nos ajudar a compreender o contexto em que foram produzidos, de forma conscientemente ou não.

Considerar uma dinâmica na qual os interlocutores se colocam dentro da representação do discurso, gera um diferencial, já que funcionam como representantes do que se é estudado, proporcionando uma riqueza maior de conteúdo, que estará aberto a indagações, ainda representando um espaço em que sentidos vão sendo construídos. Do contrário, podemos mencionar que desconsiderar as perspectivas de interação presentes no discurso pode reduzi-lo a uma visão monológica, onde se encontra apenas um sujeito isolado, empobrecendo o tema que estará em destaque, logo se faz a necessidade dessa interação entre os demais sujeitos.

A ideia de construir sentidos e atribuir aos sujeitos vozes variáveis dentro de uma análise discursiva, permite-nos um contato com elementos mais subjetivos e peculiares do próprio discurso, características que perpassam as limitações teóricas de ciências como a Linguística estruturalista, que propiciam enxergar possibilidades discursivas dispersas a depender da funcionalidade dos sujeitos envolvidos (DODOU, 2021, p. 26).

Logo, quando atribuímos um sentido que parte dos sujeitos que estão inseridos dentro dessa análise, encontramos novas funcionalidades mais aprofundadas que provém dos envolvidos dentro do contexto.

Dodou (2021, p. 27) ainda destaca que:

Outro aspecto relevante abordado pelos estudos da linha francesa diz respeito aos espaços das memórias discursivas. De fato, as memórias representam a retomada, reafirmação de algo já dito ou o revestimento de uma informação existente, mas com uma nova roupagem: a visão de quem (re)conta.

Tendo isso em vista, preservar essa memória cultural a qual mencionamos neste trabalho é de grande importância e pode ser explorada através da oralidade, usada para benefícios de conhecimentos formais e informais, onde os alunos apresentam e representam oralmente, uma tradição que também lhe foi passada de forma oral, contudo, fazendo ligação entre a cultura e as vertentes exigidas no currículo da língua portuguesa. Voltando ao que Dodou (2021, p. 32) nos diz:

No estudo discurso e a história. No processo de resgate das informações nos deparamos com vários sujeitos envolvidos os interlocutores, os quais, numa dinâmica constante ocupam posições distintas extremamente atreladas ao lugar social em que estão inseridos. Constitui-se assim o discurso.

Desta forma, observamos que não há como separar a relação entre discurso, história, e memória, nem como não entender que a preservação dessa memória se dá através dos indivíduos produtores de discursos e fazedores da história cotidiana, do lugar que estão socialmente integrados. Uma vez que esses discursos podem ser elementos de discussão no ambiente escolar, e assim, promover mais diretamente o tema com o processo de ensino e aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é fruto da necessidade e da vontade de encontrar maneiras de levar ao ensino básico a importância das rezadeiras na sociedade em que estamos inseridos. Para tanto, propomos o gênero oral como estratégia para a inserção desse conhecimento no currículo escolar. A ideia surgiu através do pensamento de como o processo de construção cultural é importante e nos auxilia no estudo de conhecimentos formais dentro da escola, com uma perspectiva de promover diálogos com os conhecimentos populares.

Trabalhar com os gêneros orais também promove a valorização da cultura local, de modo que os alunos se sintam mais próximos do que é apresentado em sala de aula. Desta forma, desenvolvem competências educacionais mais significativas, já que conhecem e se identificam com o que o professor(a) expõe em que os alunos deixam de ser apenas meros “depositórios” de conhecimentos, e passam a contribuir também com o ensino/aprendizagem.

Tendo isso em vista, ressaltamos a importância de manter vivos os costumes e tradições apresentados pelas rezadeiras como mulheres que preservam a nossa cultura e perseveraram ao longo dos anos. Logo devem ser valorizadas e mencionadas no processo educacional, uma vez que também são transmissoras orais de conhecimentos, e mesmo em meio a todos os avanços tecnológicos nos dias de hoje e toda a sofisticação do sistema médico oficial, o trabalho dessas mulheres segue pleno em todas as regiões do Brasil, fruto de crenças enraizadas até hoje, que não devem ser impostas, mas ao menos mencionada no meio educacional, já que é uma marcante característica cultural.

E o fato de não existir destaque a esses saberes populares, gera a preocupação que esses conhecimentos cedo ou tarde acabem por se perder, ou serem modificados drasticamente.

Por fim, acreditamos que estudar mais profundamente temáticas que fazem parte de educações informais e buscar uma forma para trazê-las para dentro de sala de aula, pode contribuir para o ensino e avivar nos alunos suas capacidades discursivas, enquanto cumprem com o plano de ensino exigido pela escola, contudo, de uma forma inovadora. Logo, a atenção dos docentes para essa temática se faz

imprescindível. Entretanto, não basta que apenas os professores apoiem essa estratégia educacional fazendo-se necessário que toda a rede escolar colabore e incentive essa forma de ensino. Desta forma, ressaltamos que a pesquisa em questão não é conclusiva, pois possibilita outros olhares acerca do tema aqui apresentado.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, R. N. et al. **O povo rezava e eu aprendia**: Práticas educativas no saber-fazer de rezadeira. COPRECIS. **Anais...** Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/31450> . Acesso em: 2 jun. 2023.
- BORGES, M. A. V. **Saberes e práticas de rezadeiras e benzedoras em comunidades de Camaçari**: Diálogos entre saberes populares e educação formal. In: IV ENCONTRO ESTADUAL DE ENSINO DE HISTÓRIA IV, 2017, Bahia. **Anais eletrônicos...** Disponível em: [http://www.ensinodehistoria2017.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1507552385\\_A\\_RQUIVO\\_SaberepraticasdeRezadeirasebenzedoras.pdf](http://www.ensinodehistoria2017.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1507552385_A_RQUIVO_SaberepraticasdeRezadeirasebenzedoras.pdf) Acesso em: 2 jun. 2023.
- BORGES, M.; BENZER, R. **Curar História e Memória de Rezadeiras e Rezadores em Monte Gordo e Barra do Jacuípe**. 2019. 75 f. Dissertação (Mestrado em história) – Universidade Federal do Rocôncavo da Bahia. Cachoeira- BA, 2019.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2023.
- COELHO, M. **Religiosidade popular**: tradições, práticas e mitos. 2017. 63 f. Dissertação (Mestrado em teologia) – Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 2017.
- DINIZ, E. E. C. da S. **A arte de curar: saberes e práticas de rezadeiras e benzedoras no cuidar da saúde**. V CONEDU. **Anais...** Campina Grande-PB: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/45550>. Acesso em: 02 jun. 2023.
- DODOU, A. **O encruzamento entre as histórias e memórias de Padre Cícero e de Juazeiro do Norte- CE**: Abordagens didáticas no ensino fundamental II. 2021 136 f. Dissertação (Mestrado em letras) – Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras-PB, 2021.
- ECKEL, A. **A Prática do benzimento e o uso de ervas medicinais na comunidade Rio da Areia de Baixo - Mafra (SC)**. 2020. 77 f. Monografia (Licenciatura em educação do campo) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC, 2020.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FRISON, L. **Auto-regulação da aprendizagem**: Atuação do pedagogo em espaços não escolares. 2006. 342 f. Tese (Doutorado em educação) - Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.
- PEREIRA, E.; GOMES, N. **Flor do não esquecimento**: cultura popular e processos de transformação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SIEBERT, E.; CHIARELLI, L. **Cultura Popular Brasileira**. Indaial, 2012.

SILVA, R. **Saberes tradicionais de Benzedeadas e os processos educativos do EJA**. 2022. 98 f. Dissertação (Mestrado em educação e docência) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2022.

TRAVAGLIA, L. A. *et al.* **Gêneros Oraís - Conceituação e Caracterização**. SILEL. **Anais...**, v. 3, n. 1, Uberlândia: EDUFU, 2013.

VANNUCCHI, A. **Cultura Brasileira**. 9. ed. São Paulo: LOYOLA, 1999.

WEISS, R. **Durkheim e as formas elementares da vida religiosa**. Debates do NER, [S. l.], v. 2, n. 22, p. 95–119, 2012. DOI: 10.22456/1982-8136.36520.  
Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/36520>.  
Acesso em: 2 jun. 2023.